

# **ANEXOS**



## Índice

Anexo 1. Mapeamento bibliográfico: obras (não-traduzidas) sobre o Extremo Oriente, publicadas em livro (da segunda metade do século XIX ao primeiro quartel do século XX)	684
Anexo 2. Salomé no Salão de 1876: dois quadros de Gustave Moreau (1826-1898)	691
Anexo 3. Turandot: uma ilustração de József Divéky (1887-1951), datada de 1916	692
Anexo 4. Duas ilustrações extraídas de “Japanese Women” (1890-1891) de Pierre Loti	693
Anexo 5. Perfil tradutório de António Feijó: quadro-síntese	694
Anexo 6. Dossiê manuscrito: <i>Cancioneiro chinez</i> da CMDI	701
Anexo 7. Estrutura de <i>Cancioneiro chinez</i> (1890, 1903)	702
Anexo 8. Manuscritos de António Feijó da CMDI: 21 poemas traduzidos de <i>Le Livre de jade</i> que não integram <i>Cancioneiro chinez</i> (1885-1887, Rio Grande do Sul)	706
Anexo 9. “Ts’ai Yen” pelo 1.º Conde de Arnoso (Lisboa, 15 de Março de 1893)	709
Anexo 10. “A Escadaria de jade”: algumas versões comparadas	712
Anexo 11. A China Antiga	714
Anexo 12. A <i>Musumé</i> em Wenceslau de Moraes	715

## Anexo 1

Mapeamento bibliográfico: obras (não-traduzidas) sobre o Extremo Oriente, publicadas em livro (da segunda metade do século XIX ao primeiro quartel do século XX)<sup>1</sup>

<b>Data</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>
1851	<i>Bosquejo das possessões portuguezas no Oriente ou resumo de algumas derrotas da India e da China</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Joaquim Pedro Celestino Soares
1852- -1853	<i>Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China e da China a Lisboa, 2 vols.</i> (Lisboa: Tip. G. M. Martins)	Carlos José Caldeira
1852	<i>Trinta annos de perigração, 1821 a 1851, manuscrito achado na gruta de Camões</i> (Macau: Typographia Albion de Jno. Smith)	Francisco Maria Bordalo
1854	<i>Um Passeio de sete mil léguas</i> (Lisboa: Typographia Rua dos Douradores)	Francisco Maria Bordalo
1859	<i>Ensaio sobre a estatística das possessões portuguezas na África Ocidental e Oriental, na Ásia Ocidental, na China e na Oceania</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	José Joaquim Lopes de Lima Francisco Maria Bordalo
1863	<i>Viagem da corveta Dom João I á capital do Japão no anno de 1860</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Feliciano António Marques Pereira
1864	<i>Memoria dos festejos que tiveram logar em Macau por ocasião do fausto nascimento de Sua Alteza o Senhor D. Carlos Fernando precedida de breves considerações sobre o futuro de Portugal e seguida de uma composição dramática em verso</i>	Manuel de Castro Sampaio

<sup>1</sup> Para a reunião da bibliografia que aqui se apresenta, cujo período analisado abrange a época em foco no nosso estudo e nos permite traçar o panorama da sinologia e da japonologia em Portugal, contribuiu a pesquisa desenvolvida no âmbito do projecto “Orientalismo português: textos e contextos (1850-1950)”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Paula Laborinho, no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Desta lista de referências constam apenas primeiras edições e livros cujo local de publicação seja em Portugal, em Macau, na China ou no Japão.

	<i>portuguez intitulada Elogio</i> (Macau: Typographia de J. da Silva)	
1866	<i>De Macau a Fuchau. Cartas a J. M. Pereira Rodrigues. Recordações de viagem</i> (Lisboa: Typographia Universal)	Gregório José Ribeiro
1867	<i>Os Chins de Macau</i> (Hong Kong: Typographia de Noronha e Filhos)	Manuel de Castro Sampaio
	<i>Regimento para a administração da justiça nas províncias de Moçambique, Estado da Índia e Macau e Timor</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	[Ministério da Marinha e Ultramar de Portugal]
1868	<i>Ephemerides commemorativas da historia de Macau e das relações da China com os povos christãos</i> (Macau: José da Silva)	António Marques Pereira
1871	<i>O Japonez. Anuario critico-propheticoseraphico. 1872</i> (Porto: Typ. de Antonio José da Silva Teixeira)	Urbano Loureiro
1874	<i>O Japão: estudos e impressões de viagem</i> (Macau: Typ. Mercantil)	Pedro Gastão Mesnier
1879	<i>Memoria sobre o estabelecimento de Macau escripta pelo Visconde de Santarem. Abreviada relação da embaixada que El-Rei D. João V mandou ao Imperador da China e Tartaria. Relatorio de Francisco de Assis Pacheco de Sampaio a El-Rei D. José I dando conta dos sucessos da embaixada a que fôra mandado á côrte de Pekim no anno de 1752</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Júlio Firmino Júdice Biker
1880	<i>O Mandarim</i> (Porto e Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, editor)	Eça de Queirós
1883-1887	<i>Estudo sobre as provincias portuguezas, 4 vols.</i> (Lisboa: Academia Real das Sciencias)	Andrade Corvo
1883	<i>Apontamentos para a historia de Macau</i> (Lisboa: Typ. Universal de Thomas Quintino Antunes)	J. Gabriel Bernardo Fernandes

1884	<i>Relação dos bispos de Macau</i> (Lisboa: Imprensa Minerva)	J. Gabriel Bernardo Fernandes (comp.)
	<i>Reminiscencias do Japão</i> (Yokohama: Imprensa Mercantil)	Polidoro Francisco da Silva
1888	<i>Subsidios para a historia de Macau</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Bento França
1889	<i>O Animismo em geral e sua representação entre os chineses</i> (Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres)	Guilherme de Vasconcelos Abreu
1890	<i>Macau</i> (Macau: Companhia Nacional Editora)	Bento da França
1894	<i>Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa provincia do Japão pelo Padre Antonio Francisco Cardim da mesma Companhia de Jesus, natural de Vianna do Alentejo.</i> (Lisboa: Imprensa Nacional/Sociedade de Geographia de Lisboa)	Luciano Cordeiro
	<i>Missões dos jesuítas no Oriente nos seculos XVI e XVII. Trabalho destinado á X sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas</i> (Lisboa: Imprensa Nacional/Sociedade de Geographia de Lisboa)	Jerónimo P. A. da Câmara Manuel
1895	<i>Jornadas pelo mundo: em caminho de Peking</i> (Porto: Magalhães & Moniz)	Conde de Arnoso
	<i>Traços do Extremo Oriente – São, China e Japão</i> (Lisboa: Livraria António Maria Pereira)	Wenceslau de Moraes
1896	<i>Impressoes d'uma viagem de Macau a Bangkok</i> (Macau: Typographia do Echo Macaense)	António Joaquim Basto
	<i>Macau e o seu porto</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Adolfo Loureiro
1896- -1897	<i>No Oriente. De Nápoles á China (diário de viagem), 2 vols.</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Adolfo Loureiro
1897	<i>Dai-Nippon (o grande Japão)</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Wenceslau de Moraes

	<i>Idyllios chinezes</i> (Lisboa: Livraria de António Maria Pereira)	Luís Guimarães, Filho
	<i>Macau e os seus habitantes: relações com Timor</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Bento da França
1898	<i>Cousas da China, costumes e crenças</i> (Lisboa: Imprensa Nacional)	Joaquim Heliodoro Calado Crespo
1899- -1903	<i>Ta-ssi-yang-kuo. Archivos e annaes do Extremo-Oriente português, 2 vols.</i> (Lisboa: Typ. da Companhia Nacional Editora)	J. F. Marques Pereira (coord.)
1901	<i>A China em 1900</i> (Lisboa: Manuel Gomes ed.)	Joaquim Heliodoro Calado Crespo
	<i>A Estada no Japão</i> (Porto: Typ. Século XX de Silva & Silva)	Júlio Ferreira Girão
1903	<i>Chronica planetaria</i> (Lisboa: Empresa da História de Portugal)	José Augusto Correia
	<i>Lei-San: phantasia dramatica em I acto</i> (Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão)	Manuel Penteado
1904	<i>A Guerra russo-japoneza: narrativa historica, militar, geographica, anecdotica, humoristica e de costumes</i> (Lisboa: Viúva Tavares Cardoso)	Eduardo de Noronha
	<i>Cartas do Japão. Antes da guerra (1902-1904)</i> (Porto: Livraria Magalhães & Moniz)	Wenceslau de Moraes
	<i>Congregações marianas na China e em Macau: lembrança do ano jubilar da Immaculada Conceição 1854, 8 de Dezembro de 1904</i> (Macau: Typ. Fernandes, Noronha & Ca.)	Padre A. M. Alves, S.J.
	<i>O Japão por dentro: esboço analitico da civilização nipónica</i> (Lisboa: Parceira António Maria Pereira)	Ladislau Batalha
	<i>Repositorio de noções de botanica applicada e productos vegetaes mais conhecidos e usados na China, tanto na economia domestica como na therapeutica e nas artes, extrahidas e compiladas de diversas obras</i> (Hong Kong: Typ. Noronha & Co.)	João M. António da Silva (comp.)

1905	<i>Cartas do Japão. II – um anno de guerra</i> (1904-1905) (Porto: Livraria Magalhães & Moniz)	Wenceslau de Moraes
	<i>Fernão Mendes Pinto: sua ultima viagem á China (1554-1555)</i> (Lisboa: Officina Typografica)	Jordão de Freitas
	<i>O Culto do chá</i> (Kobe: Typographia do “Kobe Herald”)	Wenceslau de Moraes
	<i>Subsidios para a bibliografia portuguesa relativa ao estudo da lingua japonesa e para a biografia de Fernão Mendes Pinto, etc.</i> (Coimbra: Imprensa da Universidade)	Jordão de Freitas
1906	<i>Paisagens da China e do Japão</i> (Lisboa: Livraria Tavares Cardoso)	Wenceslau de Moraes
1907	<i>A Estrella de Nagasaki</i> (Lisboa: João Romano Torres)	António de Campos Júnior
	<i>A Vida japoneza – terceira série de cartas do Japão</i> (1905-1906) (Porto: Livraria Lello & Irmão)	Wenceslau de Moraes
	<i>Cartas de um japonéz: de Lisboa para Tokio</i> (critica d’um oriental ácerca do nosso paiz) (Lisboa: Parceria A. M. Pereira)	Alfredo Galis
1908	<i>Lao-Tze e a sua doutrina segundo o Tao-te-king</i> (Macau: Imprensa Nacional)	Manuel da Silva Mendes
1910	<i>Flores de coral – poemetos e impressões da Oceania portuguesa</i> (Díli, Ilha de Timor-Insulindia: Imprensa Nacional)	Alberto Osório de Castro
1911	<i>Camões em Macau: no 331.º anniversario do falecimento do poeta</i> (Lisboa: Imprensa Libanio da Silva)	Jordão de Freitas
	<i>Portugal e Macau: problemas economicos e politicos</i> (Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa)	Carlos Augusto Montalto de Jesus
1912	<i>Cruzador S. Gabriel: viagem de circumnavegação</i> (Lisboa: Livraria Ferreira)	António Joaquim Basto
	<i>Esboço critico da civilização chinesa</i> (Macau: Typ. Mercantil de N. T. Fernandes e Filhos)	J. António Filipe de Morais Palha

	<i>O Oriente modernizado. Horoscópio internacional</i> (Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira)	Carlos Augusto Montalto de Jesus
1913	<i>Coisas de Macau</i> (Lisboa: Livraria Ferreira)	Álvaro de Melo Machado
1914	<i>Apontamentos a respeito do progresso do Japão durante 42 annos</i> (Lisboa: A Editora Limitada)	Félix C. V. Ribeiro
	<i>Reminiscências do Oriente: apontamentos de viagem</i> (Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar)	Alberto de Moraes Carvalho
1915	<i>Narrativas do Oriente: apontamentos de viagem</i> (Lisboa: Tipografia da Cooperativa Militar)	Alberto de Moraes Carvalho
1916	<i>A Imprensa de tipos móveis em Macau e no Japão, nos fins do século XVI</i> (Coimbra: Imprensa da Universidade)	Jordão de Freitas
	<i>O “Bon-Odori” em Tokushima – caderno de impressões íntimas</i> (Porto: Livraria Magalhães & Moniz)	Wenceslau de Moraes
	<i>Política japonesa: imperialismo e democracia</i> (Coimbra: Coimbra Editora)	César de Sousa Mendes
	<i>Uma Fase política da China: ligeiro subsidio para o estudo da psicologia chinesa</i> (Porto: Tip. Luzitânia)	José Augusto Fernandes
1917	<i>Nas Terras do chá: notas, silhouetas, impressões</i> (Coimbra: Imprensa da Universidade)	Francisco Trancoso
1918	<i>Portugal e as colónias portuguesas</i> (Coimbra: Imprensa da Universidade)	Fortunato de Almeida
	<i>Será O-Yoné?... Será Ko-Haru?...</i> (Viana do Castelo: Edição da Revista “Lusa”)	Wenceslau de Moraes
1919	<i>O Tiro do meio dia (ainda Ko-Haru)</i> (Viana do Castelo: Edição da Revista “Lusa”)	Wenceslau de Moraes
1920	<i>Fernão Mendes Pinto no Japão</i> (Porto: Off. do Commercio do Porto)	Wenceslau de Moraes
	<i>Tipos do meu tempo</i> (Lisboa: Imp. Manuel Lucas Torres)	José Augusto Correia

1923	<i>Ó-Yoné e Ko-Haru</i> (Porto: Renascença Portuguesa)	Wenceslau de Moraes
1924	<i>Paysagens do Sol Nascente: chronicas e impressões do Japão</i> (Porto: Civilização)	Carlos Abreu (pseud. de André Brun)
	<i>Relance da historia do Japão</i> (Porto: Edição de Maranus)	Wenceslau de Moraes
1925	<i>De Portugal a Macau: a viagem do "Pátria"</i> (Lisboa: Seara Nova)	José Manuel Sarmiento de Beires
	<i>Jesuitas portugueses astrónomos na China: 1583-1804</i> (Porto: Tip. Porto Médico)	Francisco Rodrigues
	<i>Lin-Tchi-Fá. Poesias do Extremo Oriente</i> (Lisboa: [s.n.])	Maria Anna Acciaioli Tamagnini
	<i>Os Serões no Japão</i> (Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora)	Wenceslau de Moraes
1926	<i>A China e os chineses</i> (Macau: Pe. José da Silva Lucas)	Carlos Vicente Machado
	<i>Relance da alma japoneza</i> (Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora)	Wenceslau de Moraes
1928	<i>Cartas do Japão – 2.ª série, vol. I (1907-1908)</i> (Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora)	Wenceslau de Moraes
	<i>Cartas do Japão – 2.ª série, vol. II (1909-1910)</i> (Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora)	Wenceslau de Moraes
	<i>Cartas do Japão – 2.ª série, vol. III (1911-1913)</i> (Lisboa: Portugal-Brasil Sociedade Editora)	Wenceslau de Moraes
	<i>O Caso da rua Volong: scenas da vida colonial</i> (Lisboa: Tipografia do Comercio)	Emílio de San Bruno (pseud. de Filipe Emílio de Paiva)
1929	<i>De Portugal a Macau através da história. Ensaio</i> (Macau: Typographia Mercantil)	J. António Filipe de Morais Palha
	<i>Perigos que ameaçam a Europa e a raça branca: (II) perigo amarelo ou mongólico</i> (Lisboa: Tip. Lusitania)	J. Andrade de Saraiva

## Anexo 2

Salomé no Salão de 1876: dois quadros de Gustave Moreau (1826-1898)

*Salomé dansant devant Hérode*



*L'Apparition*



### Anexo 3

Turandot: uma ilustração de József Divéky (1887-1951), datada de 1916



#### Anexo 4

Duas ilustrações extraídas de “Japanese Women” (1890-1891) de Pierre Loti, artigo publicado em *Harper’s New Monthly Magazine*

Uma *musumé* tocando *shamisen* (Loti 1890-1891: 127)



Uma *musumé* a coser (Loti 1890-1891: 130)



## Anexo 5

Perfil tradutório de António Feijó: quadro-síntese<sup>2</sup>

Texto de chegada	Língua de partida	Texto de partida	Data da 1. <sup>a</sup> publicação	Localização da 1. <sup>a</sup> publicação	Nome que assina tradução	Observações
“Paradoxo (Imit. de Ch. Baudelaire.)”	FR	“Une Charogne” (1857), de Charles Baudelaire (1821-1867) <sup>3</sup>	1878	<i>Museu illustrado: album litterario</i> (ano 1. <sup>o</sup> ): 195-196	“A. Feijó”	“Versão muito livre de <i>Charogne</i> ” (Rodrigues 1994: 152 – 13 946)
“Versos sem arte”	?	?	1880	<i>Revista científica e litteraria</i> 1 (Dez.): 26-28	António Feijó [e Luís de Magalhães]	Identificada como uma tradução do poeta Vog; sem referência em Rodrigues 1994
“Minuto d’amor. Canção de Zenetto”	FR	Canção de Zanetto em <i>Le Passant – comédie en un acte, en vers</i> (1869), de François Coppée (1842-1908) <sup>4</sup>	1882	<i>A Evolução – semanario republicano</i> 15 (ano I, 6 Mar.): 2	“A. Feijó e Luiz de Magalhães”	O poema é, no periódico, precedido do seguinte texto introdutório: “As duas sextilhas que abaixo transcrevemos são da tradução d’uma primorosa comedia de Coppée – <i>Le Passant</i> , que os nossos distintos poetas A. Feijó e Luiz de

<sup>2</sup> O quadro está organizado por ordem cronológica crescente da data de publicação do texto de chegada.

<sup>3</sup> Veja-se por exemplo: Charles Baudelaire. 1975. *Une Charogne* [*Les Fleurs du mal*]. In *Œuvres complètes*, vol. I. Texto estabelecido, apresentado e anotado por Claude Pichois. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 31-32.

<sup>4</sup> Veja-se por exemplo: François Coppée. 1892. *Œuvres complètes de François Coppée. Théâtre – tome I*. Paris: Librairie L. Hébert, 9-10. Disponível em <http://www.archive.org/details/theatre01copp>.

						Magalhães estão fazendo”; tradução inacabada do tempo de Coimbra: “Há também a tradução do <i>Passant</i> . Parece-me, porém, que de todos esses versos feitos com tanto amor só se aproveita a <i>canção de Zanetto</i> ” (carta [79] 7 Junho 1885 – Feijó 2004a: 105)
“Amantes de Runeberg”	ES	Poema de Johan Ludvig Runeberg (1804-1877)	1884	<i>Folha nova</i> , 4 de Dezembro	?	Não conseguimos consultar o periódico onde o poema foi primeiramente publicado (devido ao mau estado de conservação do mesmo na Biblioteca Nacional de Portugal), mas trata-se de uma tradução indirecta do sueco por via do espanhol; este mesmo poema foi republicado em <i>Ilha</i> (1897) como “Balada dos amantes (canção do Norte)” sem qualquer informação metatextual sobre a sua natureza traduzida; “[O]ntem traduzi, ou antes imitei, uma deliciosíssima balada sueca (dos Cantos Populares do Norte) que encontrei vertida em prosa espanhola num jornal de Barcelona. É uma coisa finíssima” (carta [42] 7 Agosto 1884 – Feijó 2004a: 60)

“Lieder” <sup>5</sup>	ALE(?) <sup>6</sup>	Poema de Heinrich Heine (1797-1856)	1884	“Livro segundo” in <i>Lyrical e bucolicas</i> , p. 117	António Feijó	No final do poema, encontra-se a anotação parentética “(H. Heine)”; cf. Rodrigues 1994: 270 – 16 232
“Psalmo da vida (O coração de um moço ao Psalmista)”	ING <sup>7</sup>	“A Psalm of Life. What the Heart of the Young Man Said to the Psalmist” (1838), de Henry Wadsworth	1893-1894	<i>O Instituto: jornal científico e litterario</i> XLI: 424-425	“Antonio Feijó”	Em carta datada de 18 de Junho de 1891 (carta [185] – Feijó 2004a: 267), Feijó identifica este poema como sendo uma tradução de Longfellow, cujo nome é, no periódico, identificado sob o título entre

<sup>5</sup> Na edição que consta do espólio do poeta-tradutor no Arquivo Municipal de Ponte de Lima, o sufixo “-er” em “Lieder” está rasurado; em *Poesias completas* (2004: 115), o título do poema está conforme esta correcção (“Lied”).

<sup>6</sup> Apesar de algumas missivas apontarem para o domínio da língua germânica – por exemplo, “[o]ntem li num jornal desta cidade um telegrama transcrito duma folha alemã, com coisas espantosas a esse respeito” (carta [190] 15 Setembro 1891 – Feijó 2004a: 279) –, são mais comuns afirmações como “[a]lém disso pede ao Oliveira Martins o favor de me mandar o [David Friedrich] Strauss [1807-1878], *A Vida de Jesus* [1835] na tradução francesa” (carta [88] 18 Novembro 1885 – Feijó 2004a: 116); “Não me demoro aqui [em Berlim] porque não sei uma unica palavra d’alemão e vejo-me a cada instante seriamente atrapalhado para me tirar de dificuldades” (carta [CX] 4 Março 1891 – Queirós 1961: 170). Poderíamos supor que, no âmbito das suas funções nas cortes sueca e dinamarquesa, tivesse aprendido a língua, assim se compreendendo a inclusão no poema “A Morte do ideal” (*PC* 2004: 41), de 1878, de uma epígrafe de Schopenhauer citada em tradução francesa, enquanto n’“A Lenda dos cisnes” de *Sol* inclui uma epígrafe de Herder em alemão (*PC* 2004: 411). A 20 de Outubro de 1914, por exemplo, aconselha o amigo Magalhães a ler dois livros publicados em alemão: “*En attendant*, como tens em casa quem saiba alemão, aconselho-te a que te faças ler o livro do General Bernard *A Alemanha e a próxima guerra* e a brochura de Daniel Frymann *Se eu fosse imperador*. Esses dois volumes dão-te uma ideia exacta do pensar e do sentir da Alemanha sobre os acontecimentos da hora presente” (carta [720] – Feijó 2004b: 479).

<sup>7</sup> Apesar da grande proximidade da versão portuguesa ao texto inglês, a dúvida persiste quanto à proficiência do poeta-tradutor na língua inglesa: “[A] mulher [...] só me responde em inglês, língua que eu percebo às maravilhas, como sabes. Podes calcular os cavacos interessantíssimos que disqueteamos: ambos sem nos percebermos” (carta [19] 5 Outubro 1883 – Feijó 2004a: 35). Em carta datada de 9 de Agosto de 1885, o poeta confessa não saber inglês, ressaltando que “tratava imediatamente de aprender” (carta XXIV – Queirós 1961: 25). Segundo António Lopes (1962: 10-11 n. 19), é possível que em 1889, altura em que traduz este poema, tivesse já aprendido a língua. Se, com efeito, não a aprendeu, algumas opiniões que expressa são no mínimo curiosas; por exemplo: “[P]oemas completos de Edgar Poe, [...] [u]m deles, intitulado *To Helen*, foi quase inteiramente traduzido por Baudelaire no *Flambeau vivant das Flores do mal*; tem versos que são quase vertidos *mot à mot*. [...] Um dos poemas é um *acróstico* admirável intitulado *Valentina*; mas parece que esta forma métrica era inteiramente desconhecida na língua inglesa, porque ele diz, referindo-se à Mulher, que o nome dela *está escrito naquela composição*, mas que nem ela nem ninguém descobrirão o enigma” (carta [180] 25 Abril 1891 – Feijó 2004a: 251-252; ênfase do original). Contudo, numa missiva a 20 de Dezembro de 1893, de novo lamenta: “Se eu tivesse aprendido o ingles não me tinha visto nas dificuldades por que tenho passado. Espero porem que não morrerei sem o fallar” (carta CXXXVI – Queirós 1961: 208).

		Longfellow (1807-1882) <sup>8</sup>				parênteses (como, aliás, era essa a sua prática habitual); este poema consta da <i>CMDI</i> enquanto recorte de imprensa, sendo esta provavelmente a primeira versão publicada (em periódico cuja identificação não conseguimos apurar), porque acompanhada da indicação “[Rio] Grande, 10 de abril de 1889”, porque o subtítulo do poema é diferente (“O que o coração do jovem disse ao salmista”) e porque na versão d’ <i>O Instituto</i> há ligeiras diferenças (maiusculização de alguns lexemas e substituição de um verbo, rasurado na versão da <i>CMDI</i> ); sem referência em Rodrigues 1994
“Noite” e “A Última palavra do homem à mulher”	SUE	Poemas de Carl Gustaf de Verner von Heidenstam (1859-1940)	[16 de Fevereiro] 1906	Traduções inéditas; constam da correspondência privada do poeta-tradutor	António Feijó	Cf. carta [257] 16 Fevereiro 1896 (Feijó 2004a: 358)
<i>Viagem de Pedro Afortunado</i>	SUE	<i>Lycko-Pers resa. Sagospel i fem akter</i> (1882), de August Strindberg	1906	Lisboa: Livraria Clássica	“O Traductor” [António Feijó]	Tradução anónima, que corresponde à primeira tradução da peça à escala mundial; obra publicitada pela Livraria Clássica Editora como “tradução do

<sup>8</sup> Veja-se a transcrição do poema original em *Poesias dispersas e inéditas* (2005: 217-218), ou por exemplo: Henry W. Longfellow. [1960]. A Psalm of Life. What the Heart of the Young Man Said to the Psalmist. In *The Poems of Henry Wadsworth Longfellow*. Nova Iorque: The Modern Library, 370-371.

		(1849-1912)				original sueco com permissão do auctor”; cf. Rodrigues 1999: 99 – 23 909
<i>Viagem em Portugal 1798-1802</i>	SUE	<i>Portugisisk resa beskriiven i bref till Vanner</i> (1805-1809), 3 vols., de Carl Israel Ruders (1761-1837)	[1906-1912] 1981	Lisboa: Biblioteca Nacional	António Feijó	As cartas que compõem este volume foram publicadas em 52 números do <i>Diario de noticias</i> (Janeiro 1906 – Outubro 1912) enquanto traduções anónimas
“O Amor e o tempo (Christopulos)”	GRE(?)	Poema de Athanasios Christopoulos (1772-1847)	1922	<i>Sol de Inverno</i> , pp. 157-160	António Feijó	“Assim para outro número posso mandar-lhe traduções de Longfellow ( <i>Salmo da vida</i> )[,] de Ratisbonne ( <i>Domina</i> ) e de Christopulos, poeta grego contemporâneo ( <i>O Amor e o tempo</i> )” (carta [185] 18 Junho 1891 – Feijó 2004a: 267; ênfase do original); não conseguimos apurar se o poema foi efectivamente publicado na imprensa periódica de então
“Versos de Burns”	ING <sup>9</sup>	“I do confess thou art sae fair” (1792), de Robert Burns (1759-1796) <sup>10</sup>	1924	<i>Almanaque de Ponte de Lima</i> (6.º ano): 143	“Antonio Feijó”	Robert Burns, “um dos mais populares poetas escoceses, autor de um livro de <i>Poemas</i> e de colectâneas de canções” ( <i>PDI</i> 2005: 236); este poema consta da <i>CMDI</i> enquanto recorte de imprensa, que não coincide com a mancha gráfica nem tipo

<sup>9</sup> Cf. supra, nota 7.

<sup>10</sup> Veja-se a transcrição do poema original em *Poesias dispersas e inéditas* (2005: 236-237), ou por exemplo: Robert Burns. 1968. I Do Confess Thou Art Sae Fair. In *The Poems and Songs of Robert Burns*, vol. II. Edição de James Kinsley. Oxford: Clarendon Press, 609-610.

						de letra do poema publicado no <i>Almanaque de Ponte de Lima</i> , pelo que supomos que o recorte corresponde à primeira publicação do poema, por certo anterior a 1924
“Tempestade. Imit. do Allemão”	ALE <sup>11</sup>	?	1926	<i>Novas bailatas</i> , p. 31	Ignacio d’Abreu e Lima [pseud. de António Feijó]	Sem referência em Rodrigues 1999
“Fabula (do ‘Dragão imperial”	FR	Poema narrativo inserto em <i>Le Dragon impérial</i> , de Judith Gautier (1893: 313)	1926	<i>Novas bailatas</i> , pp. 73-74	Ignacio d’Abreu e Lima [pseud. de António Feijó]	Sem referência em Rodrigues 1999; o poema “Sacrifício de Gu-So-Gol”, incluído na segunda edição de <i>Cancioneiro chinês</i> , foi também ele traduzido a partir de <i>Le Dragon impérial</i>
“Domina” <sup>12</sup>	FR	“Domina”, de Louis de Ratisbonne (1927-1900), em <i>Le Parnasse contemporain: recueil de vers nouveaux 1866-1876</i> <sup>13</sup>	1981	<i>Sol de Inverno, seguido de vinte poesias inéditas</i> , p. 131	António Feijó	“Lembras-te daquela belíssima poesia do Louis de Ratisbonne, intitulada <i>Domina</i> ? Aí tens a tradução. Peço-te porém que a não publiques. Vou mandá-la para a <i>Ilustração</i> do Pina” (carta [139] 23 Maio 1888 – Feijó 2004a: 198); este poema não consta, porém, de nenhum dos números de

<sup>11</sup> Cf. supra, nota 6.

<sup>12</sup> Segundo Machado, “Ratisbonne é uma cidade alemã da Baviera, importante sobretudo no período do começo da arte barroca alemã (fins do século XVIII)” (1981: 131). O crítico terá presumido que “de Ratisbonne” seria uma referência topográfica quando a epistolografia do poeta-tradutor mostra tratar-se do poeta francês Louis de Ratisbonne, tradutor da *Divina comédia* (*La Divine comédie de Dante*, 1854-1859) e colaborador de *Le Parnasse contemporain*, em cujo último número o poema “Domina” foi, aliás, publicado. J. Cândido Martins faz esta rectificação em *Poesias dispersas e inéditas* (2005: 248-249).

<sup>13</sup> Veja-se por exemplo: 1971. *Le Parnasse contemporain: recueil de vers nouveaux. III – 1876*. Genebra: Slatkine Reprints, 326. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/>.

						1888 da <i>Illustração</i> ; a versão que Feijó envia ao amigo Magalhães difere apenas no segundo verso da última quadra (“torturasses a minha insólita agonia”) da versão que consta da <i>CMDI</i> (“Me viesses torturar no instante da agonia”) enquanto recorte de imprensa (em periódico cuja identificação não conseguimos apurar); esta tradução é também mencionada numa carta de 18 de Junho de 1891 (carta [185] – Feijó 2004a: 267); cf. <i>Poesias dispersas e inéditas</i> (2005: 248-249); sem referência em Rodrigues 1994
“Morta-viva (Eugène Manuel)”	FR	“La Morte vivante” (Maio 1861), de Eugène Manuel (1823-1901) <sup>14</sup>	1981	<i>Sol de Inverno, seguido de vinte poesias inéditas</i> , p. 143	António Feijó	Este poema consta da <i>CMDI</i> enquanto recorte de imprensa, pelo que supomos ter sido publicado num periódico da época que não conseguimos identificar
“Morena (Canção de Clément Marot)”	FR	“Chanson XXXVI – Pour la brune”, de Clément Marot (1496-1544) <sup>15</sup>	2005	<i>Poesias dispersas e inéditas</i> , p. 219	António Feijó	Este poema consta da <i>CMDI</i> enquanto recorte de imprensa, pelo que supomos ter sido publicado num periódico da época que não conseguimos identificar

<sup>14</sup> Veja-se por exemplo: Eugène Manuel. 1871. *Pages intimes: poésies*. 4.<sup>a</sup> edição. Paris: Michel Lévy Frères, Éditeurs, 13-15. Disponível em <http://www.archive.org/details/pagesintimespo00manu>.

<sup>15</sup> Veja-se por exemplo: Clément Marot. 1973. Chanson XXXVI – Pour la brune. In *Œuvres poétiques*. Fixação do texto, cronologia, introdução, glossário, notas e arquivos sobre a obra por Yves Giraud. Paris: Garnier-Flammarion, 349-350.

Anexo 6

Dossiê manuscrito: *Cancioneiro chinês* da CMDI

Figura 1

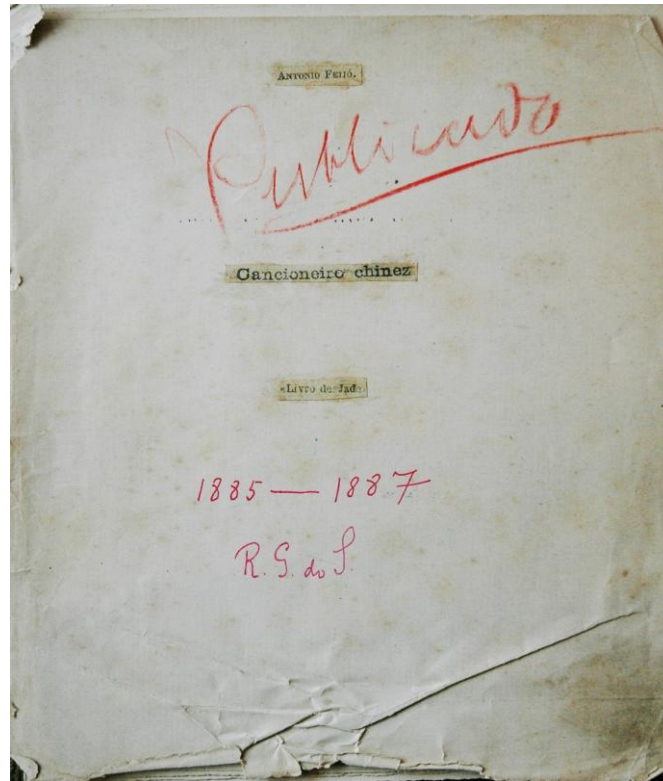
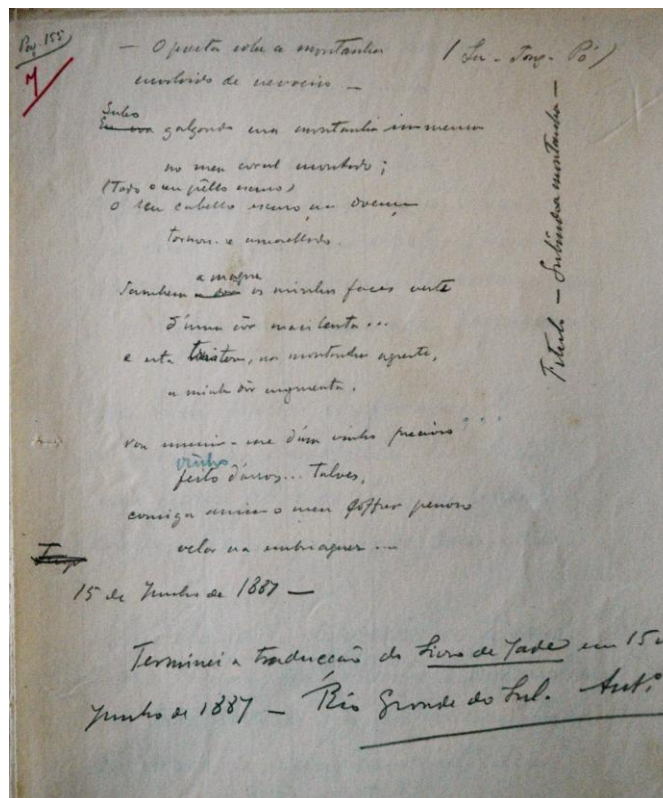


Figura 2



## Anexo 7

### Estrutura de *Cancioneiro chinez* (1890, 1903)

<i>Le Livre de jade</i> (1867)	“Selon”	<i>Cancioneiro chinez</i> (1890)		<i>Cancioneiro chinês</i> (1903)	
				Portico de Li-Taï-Pé	
La Feuille de saule	Tchan-Tiou-Lin	A Folha de salgueiro	Tchan-Tiu-Lin	A Folha de salgueiro	
L’Ombre des feuilles d’oranger	Tin-Tun-Ling	A Sombra da laranjeira	Tin-Tun-Ling	A Sombra da laranjeira	
Une Femme devant son miroir	Tan-Jo-Su	Diante do espelho	Tan-Jo-Su	Diante do espelho	
La Fleur de pêcher	Tse-Tié	A Flôr de pessegueiro	Tsé-Tié	A Flor de pessegueiro	
Le Mauvais chemin	Tse-Tié	O Mau caminho	Tsé-Tié	O Mau caminho	
Les Perles de jade	Tchan-Tiou-Lin	As Perolas de Jade	Tchan-Tiu-Lin	As Perolas de Jade	
A la Plus belle femme [du Bateau des Fleurs]	Tsé-Tsi	A uma Mulher formosa	Tché-Tsi	A uma Mulher formosa	
Sur les balancements d’un navire vu de la province de l’Ouest	Sou-Tong-Po	Navio distante	Su-Tong-Pó	Navio distante	
Sur la rivière bordée de fleurs	Tan-Jo-Su	Sobre o rio marginado de flôres	Tan-Jo-Su	Na Foz do rio	Près de l’embouchure du fleuve (selon Li-Taï-Pé)
La Flûte mystérieuse	Li-Taï-Pé	A Flauta misteriosa	Li-Taï-Pé	A Flauta misteriosa	

Le Pêcheur En Allant à Tchi-li	Li-Taï-Pé Tse-Tié	O Pescador Indo para Tchi-li	Li-Taï-Pé Tsé-Tsi	O Pescador Indo para Tchi-li
L'Éventail L'Empereur L'Escalier de jade Par un temps tiède	Tan-Jo-Su Thou-Fou Li-Taï-Pé Ouan-Tchan-Lin	O Leque O Imperador A Escadaria de jade Á Sombra das arvores	Tan-Jo-Su Thu-Fu Li-Taï-Pé Uan-Tchan-Lin	O Leque O Imperador A Escadaria de Jade Á Sombra das arvores
Les Sages dansent La Fleur rouge Un Poète regarde la lune	Li-Taï-Pé Li-Taï-Pé Tan-Jo-Su	Os Sabios dansam A Flôr vermelha Olhando a Lua	Li-Taï-Pé Li-Taï-Pé Tan-Jo-Su	Os Sabios dansam A Flor vermelha Olhando a Lua
Les Adieux Le Clair de lune dans la mer Un Jeune poète pense à sa bien-aimée	Roa-Li Li-Su-Tchon Sao-Nan	O Adeus Luar nas aguas Pensando n'Ella	Roa-Li Li-Su-Tchon Sao-Nan	O Adeus Luar nas aguas Pensando nella
Sur le fleuve Tchou Un Poète rit dans son bateau	Thou-Fou Ouan-Tié	Sobre o rio Tchú A Rir da Natureza	Thu-Fu Uan-Tié	Sobre o rio Tchú A Rir da natureza
Pensées d'automne La Maison dans le cœur La Flûte d'automne	Thou-Fou Thou-Fou Thou-Fou	Pensamentos do outomno Casa no coração A Flauta do outomno	Thu-Fu Thu-Fu Thu-Fu	Pensamentos do outono Casa no coração A Flauta do outono

Promenade le soir dans la prairie	Thou-Fou	Passeio no campo	Thu-Fu	Passeio no campo
La Feuille sur l'eau	Tché-Tsi	A Folha na agua	Tché-Tsi	A Folha na agua
Le Pavillon de porcelaine	Li-Taï-Pé	O Pavilhão de porcelana	Li-Taï-Pé	O Pavilhão de porcelana
Chanson sur le fleuve	Li-Taï-Pé	Canção no rio	Li-Taï-Pé	Canção no rio
Le Bateau des fleurs du faubourg de l'Ouest	Thou-Fou	O Batel das Flôres	Thu-Fu	O Batel das Flores
Au Milieu du fleuve	Tchan-Oui	No Meio do rio	Tchan-Ui	No Meio do rio
Chant des oiseaux, le soir	Li-Taï-Pé	Canto das aves, á tarde	Li-Taï-Pé	Canto das aves, á tarde
De la Fenêtre occidentale	Ouan-Tchan-Lin	Da Janella occidental	Uan-Tchan-Ling	Da Janela occidental
Le Chien du vainqueur	Thou-Fou	O Cão do vencedor	Thu-Fu	O Cão do vencedor
La Feuille blanche	Tché-Tsi	A Folha branca	Tché-Tsi	A Folha branca
L'Auberge	Li-Taï-Pé	O Albergue	Li-Taï-Pé	O Albergue
L'Exilé	Sou-Tong-Po	O Exilado	Su-Tong-Pó	O Exilado
Les Cheveux blancs	Tin-Tun-Ling	Os Cabellos brancos	Tin-Tun-Ling	Os Cabellos brancos
Tristesse du laboureur	Sou-Tong-Po	Tristezas do Lavrador	Su-Tong-Pó	Tristezas do Lavrador
En Buvant dans la maison [de Thou-Fou]	Tsoui-Tchou- Tchi	Bebendo em casa de Thu-Fu	Tsui-Tché-Tsi	Bebendo em casa de Thu- -Fu
Les Trois femmes du mandarin	Sao-Nan	As Mulheres do Mandarim	Sao-Nan	As Mulheres do Mandarim

L'Épouse vertueuse	Tchang-Tsi	Esposa honesta	Tchang-Tsi	Esposa honesta
Le Cœur triste au soleil	Su-Tchon	Coração triste, fallando ao Sol	Thu-Fu	Coração triste, falando ao Sol
Les Petites fleurs se moquent [des graves sapins]	Tin-Tun-Ling	As Flôres e os pinheiros	Tin-Tun-Ling	As Flores e os pinheiros
Le Pavillon du jeune roi	Ouan-Po	O Pavilhão do Rei	Uang-Pó	O Pavilhão do Rei
Le Cormoran	Sou-Tong-Po	O Cormoran	Su-Tong-Pó	O Cormoran
				O Sacrificio de Gu-So-Gol (do <i>Dragão imperial</i> ) [ <i>A Madame Judith</i> <i>Gautier</i> ]

## Anexo 8

Manuscritos de António Feijó da *CMDI*: 21 poemas traduzidos de *Le Livre de jade* que não integram *Cancioneiro chinês* (1885-1887, Rio Grande do Sul)

Identificação numérica do poema*	Poema disperso ou inédito**	Data	Texto de partida em <i>Le Livre de jade</i> (1867)	Secção de <i>Le Livre de jade</i> (1867)
1	Antes da batalha (Thu-Fu)		L'Époux d'une jeune femme s'arme pour le combat <i>Selon Thou-Fou</i>	La Guerre
2	A um Jovem poeta (Sao-Nan)		À un jeune poëte <i>Selon Sao-Nan</i>	Les Poëtes
2	A Partida do grande chefe (Thu-Fu)	26 d'Abril	Le Départ du grand chef <i>Selon Thou-Fou</i>	La Guerre
2	Para esquecer as dores (Uan-Ui)		Pour oublier ses pensées <i>Selon Ouan-Oui</i>	Le Vin
3	O Grande rato (Sao-Nan)		Le Gros rat <sup>16</sup> <i>Selon Sao-Nan</i>	Les Voyageurs
3	Cantando a natureza <sup>17</sup> (Thu-Fu)		Pendant que je chantais la nature <i>Selon Thou-Fou</i>	L'Automne
4	Navio abrigado (Su-Tong-Pó)		Un Navire à l'abri du vent contraire <i>Selon Sou-Tong-Po</i>	Les Voyageurs
4	Noite d'outomno (Tché-Tsi)		Le Soir d'automne <i>Selon Tché-Tsi</i>	L'Automne

\* Cada poema possui uma identificação numérica (1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11 e 12), assinalada a vermelho, no canto superior esquerdo do manuscrito, cujo significado não conseguimos descodificar. Para além desta sinalética, vários são os poemas onde também a vermelho, no canto superior esquerdo da folha, está assinalado o número da página correspondente ao texto de partida na primeira edição de *Livre* e, por vezes até, manuscrito a cor diferente, o nome da secção do volume francês onde o poema se insere (cf. poemas “A Cegonha”, “Cantando a natureza”, “Indiferença etc.”). A ordenação dos poemas neste quadro segue a ordem em que as fotografias dos manuscritos foram tiradas. Estes inéditos foram reproduzidos em *Poesias dispersas e inéditas* (2005), à excepção dos poemas: “Para esquecer as dores”, “O Grande rato”, “Indiferença etc.”, “À Borda do lago”, “A Cegonha” e “O Poeta sobe a montanha envolvido de neveiro”.

\*\* Nesta coluna transcrevemos o título e o nome do poeta chinês conforme grafados no manuscrito. Inconsistências como, por exemplo, “Thu-Fu” (no poema “Cantando a natureza”) e “Tu Fu” (no poema “A Oito grandes poetas bebendo juntos”) são da responsabilidade do poeta-tradutor.

<sup>16</sup> Embora atribuído ao poeta Sao-Nan, cuja existência não conseguimos apurar, há estudos que sustentam que este poema provém do *Shijing* (Stocès 2006: 342).

<sup>17</sup> Este poema foi publicado em 1887 no jornal *A Provincia*, 4 de Junho (*PDI* 2005: 134).

5	Indiferença etc. (Tan-Jo-Su)	Fevereiro 87	Indifférences aux douceurs de l'été <i>Selon Tan-Jo-Su</i>	Les Poètes
	Pensamentos do septimo mez <sup>18</sup> (Li-Taï-Pé)		Pensées du septième mois <i>Selon Li-Taï-Pé</i>	Le Vin
7	Á Borda do lago (Tan-Jo-Su)		Au Bord du petit lac <i>Selon Tan-Jo-Su</i>	La Lune
7	No Outomno <sup>19</sup> (Haon-Ti)		Pensée écrite sur la gelée blanche <i>Selon Haon-Ti</i>	L'Automne
7	A Cegonha (Chen-Tué-Tsi)	27 d'Abril	La Cigogne <i>Selon Chen-Tué-Tsi</i>	La Guerre
7	O Poeta sobe a montanha envolvido de nevoeiro <sup>20</sup> (Su-Tong-Pó)	15 de Junho de 1887 <sup>21</sup>	Le Poète monte sur la montagne enveloppée de brouillard <i>Selon Sou-Tong-Po</i>	Les Poètes
8	A Oito grandes poetas bebendo juntos (Tu-Fu)		À Huit grands poètes qui buvaient ensemble <i>Selon Thou-Fou</i>	Le Vin
	Entre nevoeiros <sup>22</sup> (Su-Tong-Pó)		Le Poète se promène sur la montagne enveloppée de brouillard <i>Selon Sou-Tong-Po</i>	Les Poètes
	Á Beira do rio (Li-Taï-Pé)		Au Bord de la rivière <i>Selon Li-Taï-Pé</i>	Les Amoureux
10	Louvor a Li-Taï-Pé (Thu-Fu)		Louange à Li-taï-pé <i>Selon Thou-Fou</i>	Les Poètes

<sup>18</sup> Este poema foi publicado em 1885 no jornal *A Provincia* (n.º 108), 29 de Setembro (PDI 2005: 129).

<sup>19</sup> Este poema foi publicado em 1885 no jornal *A Provincia* (n.º 156), 23 de Novembro, 3 (PDI 2005: 127).

<sup>20</sup> No manuscrito, na margem direita, na vertical, está patente a indicação: “Titulo – Subindo a montanha”. Caso o poema viesse a ser publicado, é provável que o poeta optasse por este título em vez da tradução literal do título em francês, mais descritivo e menos conciso.

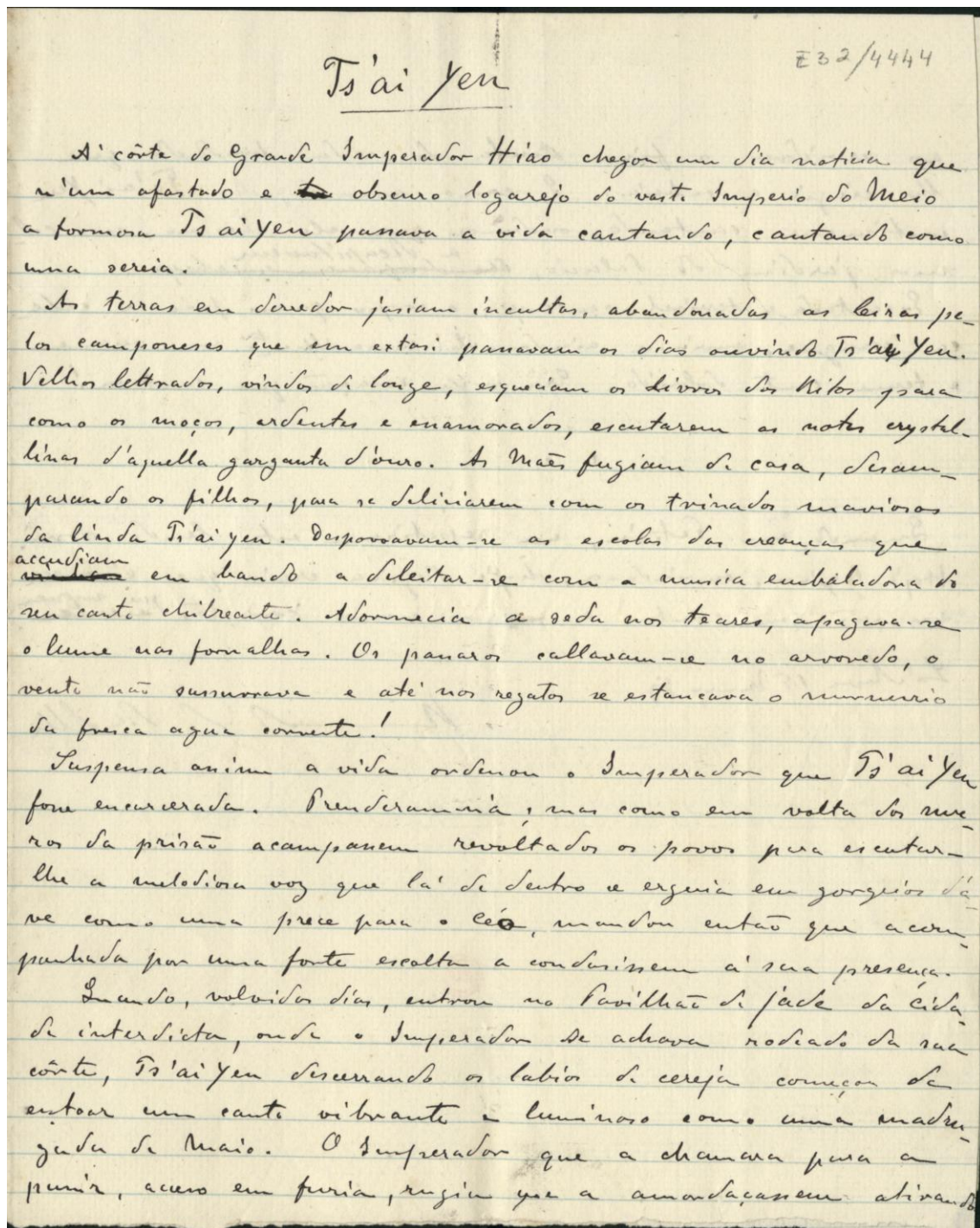
<sup>21</sup> A indicação desta data faz-se acompanhar da seguinte informação manuscrita: “Terminei a tradução do *Livro de jade* em 15 de Junho de 1887 – Rio Grande do Sul, Ant.º Feijó” (cf. Anexo 6, Figura 2). Este terá provavelmente sido o último poema a ser traduzido.

<sup>22</sup> Este poema foi publicado em 1887 no jornal *A Provincia*, 4 de Junho (PDI 2005: 131).

11	Envoi a Li-Taï-Pé (Thu-Fu)		Envoi à Li-taï-pé le vingtième jour du douzième mois <i>Selon Thou-Fou</i>	Les Poètes
1	Rio pacifico (Than-Jo-Su)		Le Fleuve paisible <i>Selon Than-Jo-Su</i>	La Lune
12	Cuidados de menina (Han-Ui)		Le Souci d'une jeune fille <i>Selon Han-Ou</i>	L'Automne

## Anexo 9

"Ts'ai Yen" pelo 1.º Conde de Arnoso (Lisboa, 15 de Março de 1893) – E32/4444



aos verões a fina cinta de seda branca que  
lhe cingia a cabeça. E como amansada Ts'ai Yen  
continuava cantando, ordenou que ali mesmo, nos cel-  
nos jardins do Palácio, ~~ela se desfilasse~~ <sup>a decapitasse</sup> a cabeça.

Excutada a terrível sentença, o corpo quasi frio a cabe-  
ça estagnada, ouviu-se ainda - oh! maravilha! - uma suave  
e firme canção solavada. Era o seu coração que cantava!

Quando, em Peking, me repetiram esta linda sôni-  
Hoje Nezha, ouvindo-a, hoje Nezha creio que é o seu  
coração que canta o ~~que~~ os nossos corações <sup>que nos</sup> ~~presentam~~.

L'Anno 1.5 Mayo 83

N. S. S. S. S.



## Transcrição

### Ts'ai Yen

Á corte do Grande Imperador Hiao chegou um dia noticia que n'um afastado e obscuro logarejo do vasto Imperio do Meio a formosa Ts ai Yen passava a vida cantando, cantando como uma sereia.

As terras em derredor jasiam incultas, abandonadas as leiras pelos camponeses que em extasi passavam os dias ouvindo Ts'ai Yen. Velhos letrados, vindos de longe, esqueciam os livros dos ritos para como os moços, ardentes e enamorados, escutarem as notas crystallinas d'aquella garganta d'ouro. As mães fugiam de casa, desamparando os filhos, para se deliciarem com os trinados maviosos da linda Ts'ai Yen. Despovoavam-se as escolas das creanças que accudiam em bando a deleitar-se com a musica embaladora do seu canto chilreante. Adormecia a seda nos teares, apagava-se o lume nas fornalhas. Os passaros callavam-se no arvoredo, o vento não sussurrava e até nos regatos se estancava o murmurio da fresca agua corrente!

Suspensa assim a vida ordenou o Imperador que Ts'ai Yen fosse encarcerada. Prenderam-na; mas como em volta dos muros da prisão acampavam revoltados os povos para escutar-lhe a melodiosa voz que lá de dentro se erguia em gorgeios d'ave como uma prece para o céu, mandou então que acompanhada por uma forte escolta a conduzissem á sua presença.

Quando, volvidos dias, entrou no Pavilhão de jade da cidade interdicta, onde o Imperador se achava rodeado da sua côrte, Ts'ai Yen descerrando os labios de cereja começou de entoar um canto vibrante e luminoso como uma madrugada de Maio. O Imperador que a chamara para a punir, acceso em fúria, rugiu que a amordaçassem atirando aos servidores a fina cinta de seda bordada que lhe cingia a cabaia. E como amordaçada Ts'ai Yen continuava cantando, ordenou que ali mesmo, nos calmos jardins do Palacio, a decapitassem.

Executada a terrivel sentença, o corpo quasi frio a cabeça exangue, ouviu-se ainda – oh! maravilha – um suave e tenue canto dolorido. Era o seu coração que cantava!

\*\*\*

Quando, em Pekin, me repetiram esta lenda sorri. Hoje Regina, ouvindo-a, hoje Regina creio que é o seu coração que canta o [que] os nossos corações que movem.

## Anexo 10

“A Escadaria de jade”: algumas versões comparadas

Original chinês conforme transcrito em Gil de Carvalho (2010: 154)	Judith Gautier (1867: 47-48)
<p>玉階怨</p> <p>玲 却 夜 玉 瓏 下 久 階 望 水 侵 生 秋 晶 羅 白 月 簾 襪 露</p>	<p>L’Escalier de jade</p> <p>Sous la douce clarté de la pleine Lune, l’Impératrice remonte son escalier de jade, tout brillant de rosée.</p> <p>Le bas de la robe baise doucement le bord des marches; le satin blanc et le jade se ressemblent.</p> <p>Le clair de Lune a envahi l’appartement de l’Impératrice; en passant la porte, elle est tout éblouie;</p> <p>Car, devant la fenêtre, sur le rideau brodé de perles de cristal, on croirait voir une société de diamants qui se disputent la lumière;</p> <p>Et, sur le parquet de bois pâle, on dirait une ronde d’étoiles.</p>

António Feijó (1890: 37-38)	Francisco de Carvalho e Rêgo (1951: 69-71)	António Graça de Abreu (1996: 151)	Gil de Carvalho (2010: 155)
<p>A Escadaria de jade</p> <p>Do plenilunio á doce claridade, formosa e moça, a Imperatriz subia a grande escada artistica de jade, que o relento da noite humedecia.</p> <p>A fimbria do vestido, que tocava muito de leve nos degraus sem fim, n'esse beijo tenuissimo igualava a côr do jade á alvura do setim.</p> <p>O luar vagabundo e somnolento tinha invadido a camara tranquilla, e n'aquelle immortal deslumbramento a Imperatriz extatica vacilla...</p> <p>Nas cortinas, as perolas doiradas, andavam n'um radioso turbilhão, em diamantes enormes transformadas, disputando esse esplendido clarão.</p> <p>E no chão marchetado e reluzente, na ineffavel brancura do luar, parecia que andava doidamente uma ronda d'estrellas a dansar!</p>	<p>A Escada da desilusão (Escada interior que conduzia as favoritas aos aposentos do Imperador)</p> <p>O tapete de orvalho, que cobre a [escadaria,</p> <p>Humedece os sapatos de seda, em [nossos pés.</p> <p>Brilha a pálida Lua, através os [cortinados</p> <p>Que descem, portadores de atroz [desilusão.</p>	<p>Lamento nos degraus de jade</p> <p>Os degraus de jade cobrem-se de geada branca.</p> <p>O frio da noite acaricia as meias de seda.</p> <p>Baixa então a cortina de pérolas de cristal e, através do límpido painel, enleia o olhar na Lua de Outono.</p>	<p>Queixa das escadarias de jade</p> <p>Nas Escadas de Jade cresce Ainda o branco orvalho, O frio que toda a noite Encharcou umas meias de seda.</p> <p>Ela desce A persiana de cristal E contempla a Lua Envidraçada – do Outono.</p>

## Anexo 11

### A China Antiga



“Hierática, fria, duma beleza casta e rescendendo um exótico perfume, esta mulher, cujos pés mal se descobrem sob as vestes, em obediência à etiqueta dos tempos idos, é bem o símbolo de uma época que não volta – A China Antiga!” (Inso 1999: 241)

## Anexo 12

A *Musumé* em Wenceslau de Moraes

Figura 1. Reprodução da capa da primeira edição de *Traços do Extremo Oriente* (1895)



Figura 2. Reprodução da contracapa da primeira edição de *O Culto do chá* (1905)

